



Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br

O relógio furado

Há seis anos ou mais, o antigo relógio da Casa Masson está banguela, uma enorme cárie deixou-o assim. Dá pena ver como o ícone de uma das mais tradicionais e antigas relojoarias da cidade de Porto Alegre ficou neste estado deplorável.

FERNANDO ALBRECHT/ESPECIAL/JC



A reforma que não queríamos

Nem mesmo entrou em vigor e a reforma tributária que prometia baixar os impostos vai é aumentá-los. Depois que o Tribunal de Contas da União (TCU) propôs a alíquota de 11,3% sobre a CBS, que vai substituir o PIS/Cofins, somado ao Imposto Sobre Bens e Serviços (IBS), com 30% marcharemos a partir do ano que vem. Nunca uma sopa de letrinhas será tão indigesta.

O burro de carga

Já foi dito ao longo do ano, mas convém repetir: a reforma tributária vai doer muito para o setor de serviços. É quase inacreditável que o Brasil aceite essa canga sem reclamar. Só chia, mas chiar até chaleira faz.

Por falar em canga

Extraído do poema campestre Antônio Chimango, de Amaro Juvenal (Ramiro Barcellos):

*O povo é como o boi manso,
Quando novinho atropela,
Bufo, pula, se arrepele,
Escrapeteia e se zanga; [resiste ao pinotes]
Depois... vem lambar a canga
E torna-se amigo dela.*

O cara que deu certo

Embora seja antipatizado por largos setores – aqui costumamos detestar quem dá certo –, a empresa de Luciano Hang é sonho de emprego. A megaloja da Havan em São Miguel do Oeste (SC) abriu 200 vagas e apareceram 7 mil candidatos.

Foi mal

Depois de se autodeclarar o verdadeiro presidente do Brasil, Flávio Bolsonaro (PL) engatou uma ré e corrigiu “presidente” para “líder”. E até nisso ele pode estar enganado. Ninguém é líder de corpo ausente.



HISTORINHA DE SEXTA

O presidiário e os zulus

Na segunda metade dos anos 1970, eu estava em São Paulo hospedado no Hotel Jaraguá, na rua Major Quedinho. Era um domingo e por acaso encontrei no bar do hotel uma equipe da TV Cultura, que tinha uma pauta curiosa por fazer, entrevistar um apenado que fosse corintiano, para filmar suas reações enquanto transcorria o jogo Corinthians x Internacional em Porto Alegre, jogo decisivo pelo Brasileiro ou Taça Brasil, não lembro bem.

Tiveram que cantar o diretor do presídio para conseguir filmar um criminoso condenado a dezenas de anos de prisão. Tinha feito tudo de ruim e além disso era brigão, vivia aprontando, o que lhe valeu a solitária. O cinegrafista o filmou com uma Arriflex – não havia câmera de vídeo na época – pela janelinha da porta de aço.

O preso, um corintiano fanático, passou todo o jogo com radinho colado no ouvido sem dar a mínima para o cinegrafista. Passou o primeiro tempo, o segundo ia chegando ao final e nada de o sujeito olhar para a filmadora. No finzinho do jogo, o Inter fez o gol da vitória, Figueiroa, eu acho. Acabou a partida, o cara desligou o radinho, olhou para a filmadora e disse uma única frase.

– *Ê, se desse tudo certo eu também não estaria aqui...*

Aquela frase me marcou. Era uma espécie de testamento, a amarga constatação de uma vida miserável tornada mais miserável ainda por escolhas erradas e azares fabricados.

Mais ou menos na mesma época eu vi um filme extraordinário chamado Zulu, narrando a história verídica do século XIX, como uma pequena guarnição de soldados ingleses resistiu a um cerco de milhares de guerreiros zulus na África do Sul. O ator principal era Stanley Baker.

Em um dado momento, 5 mil zulus se prepararam para o ataque final – a tribo concordou em participar das filmagens. É uma cena impressionante, a tribo postada em linha brandindo lanças e escudos de couro catando um feliz hino de guerra que era muito bonito, por sinal. Postados lado a lado com fuzis de um só tiro, os soldados do exército inglês esperavam a morte depois que dessem o último tiro.

Um típico sargento inglês com vastos bigodes ergueu a espada para dar o sinal de “fogo”. Os 10 ou 12 soldados sobreviventes apontavam as armas para a frente. Ao lado do sargento, um pálido soldado se virou.

– *Por que nós, sargento?*

O militar nem olhou para ele quando respondeu.

– *Porque estamos aqui.*

Outra frase que nunca esquecerei. Volta e meia ela e a frase do apenado corintiano passam na minha frente como um luminoso que teima em não apagar quando me deparo com situações inusitadas que me perturbam e para as quais não tenho resposta, como o Brasil de hoje, que teima em não dar certo, sacudido pelo azar fabricado ou vítima de escolhas erradas.

Porque estou aqui.

Rodízio na Assembleia

Segundo uma raposa felpuda do Parlamento gaúcho, a tendência indica que no primeiro ano da próxima legislatura (2027) a presidência da Assembleia será exercida pelo deputado estadual Marcus Vinícius (PP). Em seguida seria a vez de Adriana Cherini, a candidata mais votada do Rio Grande do Sul com 129.492 votos. Ela é presidente do PL Mulher no RS e esposa do presidente regional do partido, deputado federal Giovani Cherini. No terceiro ano, a presidência seria de Luciano Silveira (MDB). E o PT assumiria no quarto ano da próxima legislatura (2030).